

AS RELAÇÕES ENTRE A MARINHA DE GUERRA E OS CURSOS DE FORMAÇÃO DOS OFICIAIS DA MARINHA MERCANTE

Paulo Jorge dos Santos Fleury

Universidade Estácio de Sá/Universidade da Cidade/ Pesquisador Associado do LEMP
(Laboratório de Estudos sobre Militares na Política)

Os cursos de formação de oficiais da marinha mercante são ministrados em duas escolas de formação de oficiais, vinculadas, no Rio de Janeiro, ao CIAGA (Centro de Instrução Almirante Graça Aranha) e em Belém, ao CIABA (Centro de Instrução Almirante Braz de Aguiar), ambos pertencentes à Marinha de Guerra. Pode-se afirmar que o desenvolvimento da organização institucional-curricular das escolas de formação de oficiais mercantes, particularmente nas décadas de 1980 e de 1990 (mas não somente nestas décadas), foi plasmado (e assim continua sendo) nas relações de poder assimétricas que se estabelecem entre a burocracia militar-naval responsável pela gestão da formação da mão-de-obra mercante em todos os seus aspectos e níveis e aqueles que são responsáveis pela condução das questões pedagógicas no âmbito das escolas de formação. Tais relações assimétricas de poder não se construíram tão somente ao longo dos anos 80 e 90 do século passado, mas se acham inscritas na lógica de controle que, historicamente, a Marinha de Guerra construiu sobre a Marinha Mercante, lógica esta que se encontra consubstanciada não somente em uma legislação que, pelo menos desde 1934, tem subordinado a formação do pessoal da marinha comercial, especialmente a dos oficiais às necessidades da Marinha de Guerra, mas também na inserção da preparação profissional desta mão-de-obra no âmbito da pedagogia militar, sem que se possa esquecer que a formação destes profissionais destina-se ao atendimento das demandas das empresas que atuam nos diversos setores do transporte aquaviário.